



WWW.G1.COM.BR
O PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO

[imprimir](#)

27/11/2007 - 16h17

Búzios tem futuro incerto sem esgoto, diz FGV

Pesquisa mostra que balneário precisa investir em saneamento para garantir turismo. Rio aparece em 13º lugar, atrás de São Paulo e Piauí na cobertura da rede sanitária.

ALBA VALÉRIA MENDONÇA

Do G1, no Rio

✉ entre em contato



27/11/2007

Compartilhe

carregando...

tamanho maior

A falta de investimento em saneamento básico pode comprometer o futuro de Búzios, cidade da Região dos Lagos do Rio. De acordo com dados da pesquisa “Trata Brasil: saneamento e saúde”, divulgado nesta terça-feira (27), na Fundação Getúlio Vargas (FGV), o badalado balneário é o quarto município com a menor cobertura da rede de esgoto do estado.

De acordo com o coordenador da pesquisa, o economista Marcelo Néri, da FGV, isso significa dizer que a cidade joga contra o seu próprio futuro, poluindo suas praias e não cuidando da infra-estrutura.

“Búzios é uma cidade turística. Se não trata o seu esgoto, não investe em saneamento básico para a população, ela está jogando seu futuro no esgoto”, disse Néri, destacando que ao contrário da cidade fluminense, Balneário Camboriú, cidade turística de Santa Catarina, é a cidade com a melhor cobertura de rede de esgoto daquele estado.

Em 13º lugar no ranking

A cidade litorânea fluminense não está sozinha. De acordo com a pesquisa, o Rio de Janeiro está aquém das expectativas no que se refere à cobertura de rede de esgoto. Entre as 27 unidades da federação, o estado aparece em 13º lugar, com 67,06% de rede instalada. Ou seja, atrás de estados como São Paulo, Piauí, Sergipe, Paraíba e Distrito Federal, por exemplo.

“O déficit de saneamento básico nos domicílios brasileiros é de 51,6%. O investimento feito no setor cresce a 1.59% ao ano, nos últimos 14 anos. Nesse ritmo, o Brasil vai levar 56 anos para

diminuir metade do problema”, destacou o coordenador da pesquisa.

Na cidade, onde vivem cerca de cinco milhões de pessoas, os bairros de Copacabana, Ilha de Paquetá, Lagoa Rodrigo de Freitas e Centro estão entre as áreas com melhor cobertura de rede de esgoto. Ao contrário de Guaratiba, Campo Grande, Santa Cruz e Barra da Tijuca, onde a rede de saneamento básico é menor.

“Esperamos que os recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) para favelas como Cantagalo, Rocinha e Pavão-Pavãozinho, sejam realmente aplicados em saneamento básico. É preciso que as comunidades se mobilizem e cobrem das autoridades. É preciso chamar atenção para as vidas perdidas e para as seqüelas que a falta de uma rede de esgoto deixa numa comunidade”, alertou Néri.

2008: ano do saneamento básico

Para o economista, o momento não poderia ser mais propício para a divulgação desta pesquisa. A Organização das Nações Unidas (ONU) fará de 2008 o ano do saneamento básico. Além disso, há a destinação de recursos do PAC e a proximidade das eleições.

“O Brasil tem uma oportunidade histórica de mudar esse quadro, já que 80% da população vive em áreas urbanas. O Estado pode ofertar mais e melhores serviços públicos. O impacto econômico seria muito grande, com menos gastos com saúde e hospitalização e com o meio ambiente. Mas, infelizmente, o esgoto não é um problema charmoso como a exclusão digital, e atinge principalmente quem não tem voto nem voz: as crianças de 1 a 6 anos de idade”, observou o pesquisador, concluindo que, no Brasil, apenas 20% do esgoto recolhido é tratado.

Futuro em risco

A falta de saneamento básico é mais danosa para mulheres, gestantes e principalmente crianças, como mostram dados da pesquisa. De acordo com o coordenador da pesquisa, o economista Marcelo Néri, a falta da rede de esgoto é a principal causa da mortalidade infantil entre crianças com idade entre 1 e 6 anos.

"A chance de uma criança, de 5 anos de idade, moradora de uma favela morrer por problemas resultantes da falta de saneamento básico é 28% maior que por outras causas. Os índices de mortalidade infantil caem em 4,7% quando elas têm acesso a esgoto tratado. Da mesma forma, o índice de mulheres que dão à luz bebês já mortos cai para 11%, quando vivem em ambiente com rede de esgoto" disse Néri.

Segundo a pesquisa, desenvolvida pelo Instituto Trata Brasil junto com a Fundação Getúlio Vargas, o Brasil vive atualmente com índices de saneamento básicos semelhantes aos do século XVII. Ou seja, muito pouco foi investido no setor de tratamento de esgoto. Principalmente se comparado com outros setores, como o fornecimento de energia, de água ou coleta de lixo.

"Estamos jogando no esgoto não tratado o futuro do nosso país. Principalmente porque quem mais sofre são as crianças", disse Néri.

URL: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL195099-5606,00.html>